

Apresentação

“A voz que ecoa não é mais daquele que grita”: reflexões sobre o conceito de intelectual a partir de Antonio Gramsci.

Antonio Cláudio Rabello¹

Certa vez ouvi que Deus era genérico e o Diabo morava nos detalhes. Por vezes, ao optar pelas definições genéricas ignoramos os detalhes. A máxima mais usada por aqueles que optam por usar o conceito de intelectual orgânico de Gramsci geralmente e, por vezes também, genericamente, utilizam a seguinte definição:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanente’, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanística histórica, sem a qual permanece ‘especialista’ e não se torna ‘dirigente’ (especialista + político) . (GRAMSCI. 2000. p. 53)

Ao tratar desse e de outros conceitos gramscianos entendo que não devemos perder de vista as condições de produção do intelectual sardo, como também seus objetivos. Ao produzir a maior parte de suas reflexões no cárcere e com o objetivo de pensar as possibilidades de revolução na Itália, não se pode imputar a Gramsci quaisquer problemas de método científico ou de aplicação de seus conceitos na pesquisa empírica. Sendo assim a primeira questão que levanto diz respeito ao tratamento científico dado pelos pesquisadores aos conceitos construídos no cárcere. Pierre Bourdieu, de uma forma jocosa nos fala sobre os proselitismos teóricos contemporâneos e a retórica que o acompanha. Ele descreve assim a diferença entre a teoria científica e a “teoria-teórica”.

Diferentemente da teoria teórica – discurso profético ou programático que tem em si mesmo o seu próprio fim e que nasce e vive da defrontação com outras teorias –, a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de ação só revelado no trabalho empírico e por meio dele, ganha menos com a polêmica teórica do que com a defrontação com novos objetos. Por esta razão,

¹ Professor da Universidade Federal de Rondônia.

tomar verdadeiramente o partido da ciência é optar, asceticamente, por dedicar mais tempo e mais esforços a pôr em ação os conhecimentos teóricos adquiridos investindo-os em pesquisas novas, em vez de os acondicionar, de certo modo, para a venda, metendo-os num embrulho de metadiscorso, destinado menos a controlar o pensamento do que a mostrar e a valorizar a sua própria importância ou a dele retirar diretamente benefícios. (BOURDIEU. 1989. p. 59)

Gramsci, longe de produzir uma teoria-teórica, no sentido irônico proposto por Bourdieu, não teve condições para transformar suas reflexões do cárcere em teoria científica. Não as testou e nem as submeteu à aplicação em pesquisas. Coube a quem veio depois fazê-lo. As reflexões produzidas no cárcere fascista teriam, doravante, um tratamento científico, por meio de sua aplicação em novas pesquisas. Ainda. Como Gramsci não intentava produzir ciência, mas sim, elaborar um pensamento revolucionário para a Itália de seu tempo, não teve as condições objetivas para aprofundar seus próprios conceitos ou mesmo revê-los, o que produziu um sem número de interpretações e variadas reorganizações dos seus cadernos do cárcere. Para o presente artigo, proponho que nos debrucemos sobre o conceito do intelectual gramsciano (orgânico e tradicional).

Ao iniciar suas indagações sobre os intelectuais e seu papel revolucionário ele se perguntou se os mesmos eram um grupo autônomo ou se cada grupo social produziria sua própria categoria de intelectuais. Antes, porém, de construir a sua definição sobre os intelectuais orgânicos e os intelectuais tradicionais, nos detalhes (aonde supostamente seria a residência do diabo) ele afirmou: “O problema é complexo por causa das várias formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das **diversas** categorias intelectuais. **As mais importantes dessas formas são duas.**”²(GRAMSCI. 2000. p. 15)

Gramsci reconhece “diversas” formas históricas de intelectuais, porém, ao eleger as duas mais importantes ele se baseou no mundo da produção econômica, onde coerentemente com seu projeto revolucionário e com a tradição marxista,

² Grifos meus

entendia ser esta a luta revolucionária. O conflito entre capital e trabalho era compreendido como motor principal de seu projeto político.

Nesse momento é preciso voltar a ressaltar o aspecto revolucionário de Gramsci. Ele não procurava fazer um tratado de ciência política, mas produzir uma proposta revolucionária para a Itália. Não cabia a ele naquele momento indagar ou elucidar sobre as demais categorias de intelectuais. Interessava, outrossim, compreender a importância dos intelectuais que ajudariam a construir o bom senso da classe operária e instrumentalizá-la para a guerra de posição e para a guerra de movimento. Os intelectuais eram classificados não pela sua posição intrínseca, mas a partir de suas relações sociais. Essa escolha política revolucionária marca a segunda dificuldade que representa o seu pensamento para historiadores e cientistas sociais que buscam usar o conceito de intelectual orgânico: trata-los apenas pelo viés revolucionário, como o fez Cristinne Buci-Gluksmann ou Michael Burawoy.³

Buci-Gluksmann, por exemplo, situa os intelectuais nas relações sociais e na divisão de trabalho:

“Insistimos bastante sobre a negação gramsciana de uma concepção humanista do intelectual como ‘grande intelectual’, homem de letras, filósofo... E é verdade que Gramsci critica qualquer definição idealista e humanista do intelectual como criador desinteressado, produtor de uma filosofia ‘pura’, não contaminado pelas relações sociais. Como se todo saber não contivesse também uma relação prática com o saber, portanto ideológica. Nenhum ‘critério interno’ às atividades intelectuais basta para defini-los. Abordados a partir de seu ser social, de seu lugar nas relações de produção, os intelectuais situam-se em uma certa divisão de trabalho, exercem funções” (BUCI-GLUCKSMANN. 1980. p. 46-47)

Burawoy, por seu turno, diz em que lugar na divisão de trabalho se situam os intelectuais orgânicos, limitando, ao meu ver, ainda mais a concepção gramsciana ao seu aspecto revolucionário.

“Para Gramsci, o intelectual orgânico – alguém organicamente vinculado à determinada classe social – possuiria duas atribuições: de um lado, combater as ideologias e mitologias da classe dominante a fim de revelar o caráter arbitrário daquelas ideias; de outro,

³ Os dois autores foram escolhidos como exemplos de tratamento do conceito.

elaborar o bom senso a partir do senso comum da classe trabalhadora a fim de transformar esse bom senso em um conhecimento teórico do mundo. O Partido Comunista – o Moderno Príncipe, o incansável elaborador, o intelectual coletivo – seria o veículo do desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora. (...) O intelectual orgânico só poderia ser eficaz por meio da relação íntima com a classe, o que, para algumas interpretações gramscianas, implicaria ter ele mesmo vindo da classe operária. ” (BURAWOY. 2010. p. 60)

A interpretação feita por Burawoy identifica o intelectual orgânico enquanto companheiro de viagem do proletariado, o que, ao meu ver, me parece uma limitação do conceito, pois finda por não reconhecer como organizadores aqueles que atuam junto às classes dominantes ou a outros segmentos de classe que não a classe operária.

Para além da reflexão de Burawoy, os marxistas e os gramscianos tem passado ao largo das camadas médias e de seus intelectuais, por exemplo. Na medida em que Gramsci optou por tratar do que ele chamou das **duas categorias mais importantes** de intelectuais (orgânicos e tradicionais), transformá-lo em um pensador dual, pode incorrer em riscos interpretativos ou mesmo em acusações de revisionismos. Gramsci não tratou de outras modalidades de intelectuais, o que não quer dizer que eles não existam ou que não possam ser pensadas a partir da tradição marxista gramsciana.

A redução no tratamento dos intelectuais a partir do par conceitual orgânico/tradicional tem efeitos nas pesquisas, na medida em que o pensamento de Gramsci também é orgânico (aqui não como organizador, mas enquanto um *corpus* teórico coerente e articulado). Não há como separar o intelectual gramsciano dos demais conceitos que sustentam o restante de sua reflexão. Não há como desvinculá-lo de *Sociedade Civil*, da luta pela *Hegemonia* ou mesmo *do Estado Ampliado*, etc. Uma redução no conceito teria efeitos sobre os resultados da própria pesquisa.

Apesar de não ser da tradição marxista, Bourdieu afirmava que o Intelectual orgânico era um mito, pois, segundo ele, não há como intelectuais não operários possuírem o habitus operário para organizar a classe operária. Bourdieu compreendia a sociedade a partir desse conceito fundamental (habitus) e defendia que

a Universidade era o lugar do intelectual e de sua produção. Apesar de ter aprendido que o diálogo entre os dois teóricos é possível, a sua compreensão de intelectual se distancia demais da concepção gramsciana. Gramsci não tratou dos intelectuais dos centros de pesquisa ou de universidades, ficando esses mais próximos da visão de intelectuais tradicionais ou se portando como tradicionalmente se entendiam os intelectuais, a saber, como um setor⁴ autônomo.

Os produtores de cultura e de ciência não encontrarão novamente no mundo social nenhum lugar para si mesmos, a menos que sacrifiquem, de uma vez por todas, esse mito do ‘intelectual orgânico’. (BOURDIEU Apud BURAWOY. 2010. p. 64)

Para Bourdieu o intelectual que atua junto à classe operária não é mais do que um populista.

(...) um crescente número de pessoas está sendo lançado na classe trabalhadora sem ter seu habitus que é o produto dos condicionamentos ‘normalmente’ impostos àqueles que estão submetidos a tais condições. O populismo não é outra coisa senão o etnocentrismo de ponta-cabeça. (BOURDIEU Apud BURAWOY. 2010. p. 61)

Dentre os gramscianos, porém, enxergo outros problemas. Conforme afirmei anteriormente, o pensamento de Gramsci é um corpus teórico coerente. Ao tratar o intelectual orgânico apenas como companheiro de viagem da classe trabalhadora, corre-se o risco de excluir parte dos escritos de Gramsci ou lê-los apenas pelo viés do projeto revolucionário, inviabilizando, por exemplo, toda e qualquer pesquisa que busque compreender o papel dos intelectuais orgânicos para segmentos da classe dominante. Gramsci chamava a atenção para a ação dos intelectuais da burguesia italiana como organizadores.

(...) o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc. Deve-se observar o fato de que o empresário representa uma elaboração social superior, á caracterizada por uma

⁴ Não chamo de classe ou grupo, pois não compreendo que haja no meio acadêmico consciência de classe ou sentimento de pertencimento enquanto uma unidade de produção intelectual.

certa capacidade dirigente e técnica (isto é, intelectual). (GRAMSCI, 2000. p. 15)

Um exemplo da multiplicidade de interpretações pode ser verificado na concepção de Virginia Fontes. Ela afirma haver um limite para o uso conceitual do Estado Ampliado. Para ela, antes dos anos 70, do século XX, não se pode usar o conceito para as pesquisas em História do Brasil. A ausência de ampliação do Estado, segundo ela, se deveu às ditaduras ocorridas, ao processo de violência estatal que coagia as tímidas organizações populares e, por fim, a própria desqualificação da política, que afastava as camadas populares da atuação política. Para ela a ampliação do Estado no Brasil era seletiva e unilateral. Ela afirma:

A ampliação do Estado, no sentido gramsciano, ocorreria aqui de maneira unilateral, posto que realizado por meio desse mecanismo, apoiado no intenso e aberto uso da coerção, tanto privada quanto emanando do Estado. As lutas pela socialização da política (em seu duplo viés, organizativo e partidário) defrontavam-se com um poderoso aparato que tendia a esterilizá-la *ex ante*. (FONTES, 2005, p. 280)”

Não resta dúvidas de que o Estado brasileiro e as classes dominantes (que dominaram o cenário político), atuaram em função de suas demandas e visões de mundo. Buscaram continuamente impedir a atuação política das camadas populares, no que concordo plenamente com a análise da autora. Mas daí a inviabilizar o uso do conceito de Estado Ampliado antes dos anos 70, implica, em primeiro lugar, não conceber o Estado gramsciano enquanto uma arena de lutas. A exclusão das camadas populares já é resultado de lutas, de tentativas de organização da classe dominante e da constante tentativa (na maior parte das vezes com êxito) em impedir as organizações populares. Em segundo lugar, como tratar as organizações patronais e seus intelectuais orgânicos? Não considerar conceitualmente a ampliação do Estado, é não reconhecer, inclusive, os conflitos dentro da própria classe dominante e seus segmentos. Para usar como exemplo das implicações da restrição conceitual, temos a pesquisa de Sônia Regina de Mendonça e de seu grupo

de pesquisa, o que implicaria em desconsiderá-la *a priori*. Seria inviabilizar a própria concepção do intelectual orgânico enquanto organizador da classe na busca, conforme o próprio Gramsci afirma:

Se não todos os empresários, pelo menos uma elite deles deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe. (GRAMSCI. 2000. p. 15)

Essa luta dos novos grupos socioeconômicos e de seus intelectuais, em disputa com grupos econômicos precedentes e seus intelectuais, concebidos por Gramsci como tradicionais, já compreende a luta pela ampliação do Estado.

Outra ausência nas discussões sobre os intelectuais diz respeito às camadas médias, em decorrência da escolha feita por Gramsci. Durante o século XX, principalmente a partir dos anos 60, vimos o que Ciro Cardoso chamou de fragmentação das lutas sociais, que ele atribuiu ao surgimento do pensamento pós-moderno. Ao mesmo tempo em que se revelava a descrença em teorias e transformações globais, produziu, como corolário, uma complexificação crescente das lutas sociais. A descrença em movimentos revolucionários não deve significar a ausência de reflexões e pesquisas sobre esses movimentos e seus intelectuais, oriundo, muitas vezes de lutas empreendidas pelas camadas sociais médias. Se, mesmo com essa pulverização, usássemos apenas o par conceitual de intelectual orgânico ou tradicional, poderíamos, a depender da interpretação que fizéssemos do conceito, trata-los ora como orgânicos – na medida que são organizadores – ora como tradicionais – na medida em que deixaram de lado o enfrentamento capital/trabalho.

Entendo que é necessário ampliar a discussão sobre intelectuais, sociedade civil e Estado Ampliado a partir de Gramsci e não somente com ele. Há muito tempo o marxismo tem evitado a discussão sobre as classes sociais, mantendo-se na dualidade capital/trabalho e deixando de lado outras contribuições, que surgiram dentro do próprio marxismo e, por vezes, tornou-se incômoda, como, por exemplo,

aquela empreendida por Edward Thompson⁵. Uma discussão sobre o conceito de classes sociais e a sua formação é fundamental para tratarmos dos intelectuais (orgânicos, tradicionais ou outras modalidades). As proposições de Thompson defendem a necessidade da compreensão da cultura enquanto elemento fundamental para a construção da consciência de classe e aponta para uma alternativa marxista frente ao tratamento dual baseado, apenas, no campo da produção econômica. Não nega *classe em si*, mas propõe uma discussão sobre a construção da *classe para si*.

Por fim, pergunto: O que somos nós? Intelectuais tradicionais ou orgânicos? Dependendo do viés que tomarmos, poderíamos ser considerados tradicionais ou mesmo a serviço da classe dominante. Retomando mais uma vez Burawoy, ele nos diz sobre a concepção gramsciana dos intelectuais e cientistas da academia.

Já a crítica de Gramsci ao intelectual tradicional não é tanto feita contra a incapacidade deste em concretizar a autonomia, mas, antes, sua crítica é dirigida contra o projeto mesmo, a saber, a consolidação de uma dominação ideológica ao apresentar os interesses dos dominantes como sendo os interesses universais. (...) Gramsci encararia a universalidade defendida por Bourdieu, com sua meta de torna-la acessível a todos, como nada muito além do que o aperfeiçoamento da ideologia dominante do capitalismo. (BURAWOY. 2010. p. 63)

Para finalizar, entendo que o conceito de intelectuais em Gramsci merece ser aprofundado e, talvez, alargado. É preciso testar o conceito, como o fez Sônia Mendonça e o Grupo Estado e Poder no Brasil, ao tratar os intelectuais das classes dominantes agrárias enquanto intelectuais orgânicos desse segmento e buscando articular a coesão e um discurso hegemônico que nascesse na sociedade civil e se materializasse nas ações e tomadas de decisões na sociedade política.

Entendo, por fim, que o conceito de classes sociais e segmentos de classe mereçam ser repensados, pois, como falou Gramsci, ele optou pelas camadas intelectuais presentes no processo produtivo. Entendo, que o diálogo com outros

⁵ Cito E. P. Thompson enquanto uma proposição de discussão nascida dentro do marxismo e foi, em grande medida, colocada de lado nos debates em torno dos conceitos de Gramsci.



marxistas se faz necessário para esse aprofundamento teórico que sustente novas pesquisas.

Referências bibliográficas

- BIANCHI, Alvaro. O laboratório de Gramsci – Filosofia, História e Política. São Paulo. Ed. Alameda, 2008.
- BUCCI-GLUCKSMANN, Christinne. Gramsci e o Estado. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.
- BURAWOY, Michael. O marxismo encontra Bourdieu. Campinas/SP. Unicamp. 2010.
- FONTES, Virgínia Maria. Reflexões im-pertinentes. História de capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro. Bom Texto. 2005.
- GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. V. 2. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; co-edição. Luis Sergio Henriques e marcos Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.
- MENDONÇA, Sônia Regina. Estado e Sociedade. In História. Pensar e fazer. Rio de Janeiro .Laboratório Dimensões da História, 1998.[a]
- MENDONÇA, Sônia Regina. O Ruralismo Brasileiro – 1888-1931. Rio de Janeiro . Ed. HUCITEC, 1995.
- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa 1. Rio de Janeiro . Paz e Terra, 1987-1988.
- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa 2. Rio de Janeiro . Paz e Terra, 1987-1988.
- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa 3. Rio de Janeiro . Paz e Terra, 1987-1988.
- THOMPSON, Edward P. Tradición, revuelta y consciéncia de classe. Estudios sobre la crisis de la sociedade pré-industrial. Barcelona. Editorial Critica. 1989.